

COSTUME E ESTRUTURA NO ORIENTE MÉDIO: DA DINÂMICA FAMILIAR AOS REGIMES POLÍTICOS

Resenha do livro: *What's Really Wrong with the Middle East* (Brian Whitaker), Ed. Saqi, Londres, 2009.

por Alcindo Gabriel Francisco¹

Buscando debater sobre problemas estruturais do Oriente Médio, o livro *What's Really Wrong with the Middle East*, cuja primeira edição foi publicada em 2009, presencia o início do período de grandes movimentos sociais, o que o torna relevante objeto para análise da Primavera Árabe. O objetivo é desenhar um quadro do cenário em que se encontrava a região a fim de, como afirma o título, entender o que havia de realmente errado com o Oriente Médio. O autor, Brian Whitaker, é jornalista e editor do The Guardian, possui sites dedicados à política e cultura árabe, que usam de canais para ampliar os debates levantados no livro.

Ele faz uma síntese da sociedade árabe a fim de entender as estruturas sociais que levam a região a uma complexidade específica. Para isso, decompõe dinâmicas sociais como as familiares e tribais, a fim de compará-las e ligá-las às estruturas governamentais e às práticas dos regimes.

Ao assumir uma análise endógena, isto é, focada nos elementos interiores da cultura árabe, o autor evita uma postura fatalista e coloca as próprias populações como responsáveis pelos seus destinos, afastando-se das análises que focam excessivamente em influências externas. Mais que isso, o autor vê nas relações sociais, ao invés das relações de poder, a fonte maior dos conflitos no mundo árabe. Capítulo por capítulo, analisa temas básicos da vida no Oriente Médio, como educação, estrutura familiar, regimes políticos, religião, globalização, corrupção, censura e preconceito.

¹ Alcindo Gabriel Francisco é graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem cursos e pesquisas pela Universidade Hebraica de Jerusalém e atualmente é funcionário da Missão Americana no Brasil.

“Mudança – para que seja significativa – deve começar na cabeça das pessoas” (Whitaker, 2009). Assim, um dos fatores cruciais para mudanças substanciais na região é a cultura, refletida nas mentalidades individuais, que se desenvolve principalmente a partir da educação. O autor está convicto de que a educação no mundo árabe é onde o paternalismo da estrutura familiar, o autoritarismo do Estado e o dogmatismo religioso se encontram, desencorajando pensamento crítico, bloqueando criatividade e instalando um ambiente de submissão. Esse cenário, segundo o autor, é a origem? dos problemas estruturais enfrentados na região.

O autor se põe em concordância com estudos que indicam que o estilo mais difundido de criação em famílias árabes é o autoritário, acompanhado de superproteção. Este processo teria continuidade nas escolas e nas universidades, onde não incentivariam questionamentos e os métodos de avaliação testariam apenas a memorização. Observa, portanto, um sistema que recompensa àqueles que se mostram recipientes passivos de conhecimento.

Para esta linha de análise, os materiais e as diretrizes educacionais também tentam instigar lealdade e obediência ao regime, objetivando a sobrevivência do mesmo e, frequentemente colocando a culpa em elementos externos. Na visão do autor, os países árabes precisam urgentemente de mudanças nos seus sistemas educacionais para que uma mudança real possa acontecer.

Esse processo, por sua vez, tem paralelos com as relações sociais familiares. É impossível entender o mundo árabe se não considerarmos a importância de sangue, parentesco e família. Afinal como argumenta o autor, esses elementos dão forma e conteúdo à região. Para Halim Barakat, autor de *The Arab World: Society, Culture and State* (1993), a “sociedade árabe é a estrutura familiar aumentada e a família é a sociedade em miniatura.” O paternalismo, que guia a dinâmica das famílias árabes é refletido na forma como os regimes se relacionam com suas populações. A relação líder-povo pode ser vista como reflexo da relação de pai e filhos, onde coerção e obediência têm papéis estruturais.

O autor comenta que “o Egito tem milhões de Mubaraks” (Whitaker, 2009), para ilustrar de forma contundente que apesar de criticarem as políticas dos regimes, a população árabe mostra não perceber que pratica as mesmas ações dentro de casa ou em comunidade. A unidade familiar, por exemplo, seria o começo de uma coerção à liberdade.

Apesar de a família ser também um símbolo de pertencimento, com grande importância cultural e identitária, o autor argumenta que a importância dada aos parentescos e nomes familiares, excessiva no mundo árabe, gera nepotismo e prejudica a meritocracia e a igualdade de oportunidades. Apesar de amplamente criticada, esta é uma prática que todos abrem exceção quando é para o próprio benefício.

O núcleo familiar faz parte de uma estrutura ainda maior de clãs e tribos. Apesar de mais fraco em áreas urbanas, o tribalismo ainda tem força e amplo alcance. Para muitos, o sistema

tribal não promove a igualdade, pelo contrário, ele atribui valor e peso às pessoas por algo que lhes é externo. É importante também notar que o tribalismo ganha força e sobrevive na ausência do Estado, principalmente no que tange o estado de direito. A ineficiência e a corrupção dos tribunais, criam lacunas para o exercício de cortes tribais, mais representativas dos anseios regionais e das dinâmicas de cada clã em questão.

O autor é veemente ao acreditar que as rígidas obrigações de sangue e parentesco prejudicam o caminho a um Estado democrático e igualitário no mundo árabe, já que minam a liberdade e boa governança.

Ele argumenta que os regimes árabes passam por uma crise de legitimidade. Tentar explicar como e por que esses regimes duram tantas décadas é um dos principais objetivos do autor. O argumento de que a manutenção destes regimes é obtida através da repressão, ainda que parcialmente verdadeiro, reduz a análise a um nível superficial. Dificilmente um regime consegue cooptar uma nação inteira através da coerção sem criar inimigos e datar seu próprio fim. O autor vai além e observa que quem controla um Estado não democrático tem acesso a seus fundos e pode usá-los de maneira indiscriminada se valendo da máquina estatal para ganhar aliados e enfraquecer oponentes.

A melhor definição para os regimes árabes, na visão do autor, é de que são autoritários e autocráticos. Autoritários porque são repressivos e desencorajam questionamentos. Autocráticos porque são fortemente concentrados no chefe de estado. Esta figura pode ser extremamente personalizada, tendo o líder uma imagem paternal, onde em conceito é benevolente e justo com seus “filhos.”

A religião é também usada como estratégia de sobrevivência dos Estados. Quando estes fazem do Islã sua religião oficial, automaticamente ganham outra fonte de legitimidade, a de defensores da fé, e instauram um pretexto legal para intervenção do Estado nos assuntos religiosos. Contudo, também viram alvo automático de movimentos islâmicos que vão advogar pela aplicação “correta” do Islã.

Um grande dilema hoje entre muçumanos é o debate entre tradição e secularismo. Muitos veem as ideias, ideologias e instituições ocidentais como grandes ameaças aos valores islâmicos. O secularismo é, nesse contexto, um produto do ocidente. O próprio termo adquiriu conotações negativas, implicando em hostilidade. Este fenômeno pode ser visto como uma consequência da experiência negativa que essas populações sofreram durante o período colonial, além das atrocidades cometidas por ditadores que tentaram impor violentamente o secularismo na região.

O debate sobre o papel do Islã em uma sociedade secular é amplo e antigo. Para o autor, um passo importante seria o desenvolvimento de uma pluralidade de pensamentos, já que

secularismo e Islã não são excludentes. Isso reduziria o abuso de direitos sob o pretexto religioso.

Além do secularismo, a globalização também é vista por muitos como produto do ocidente, uma nova fase do imperialismo ocidental e que deve ser resistida. Contudo, afirma o autor, ela não ameaça a existência dos Estados-nação, mas a existência de Estados-nação como os regimes árabes os concebem.

A apresentação de um mundo mais interdependente e conectado representa para muitos um risco à sobrevivência das tradições que dão identidade à região. Contudo, o autor argumenta que até os setores mais tradicionais da sociedade árabe fazem bom uso da modernidade, como o site IslamOnline, que propaga valores islâmicos através de plataformas digitais.

A globalização, entretanto, gera um livre mercado de ideias que não estão mais ligadas a fronteiras nacionais ou culturais. Neste contexto, a diversidade que este movimento traz diminui a capacidade de resistência das forças tradicionais da sociedade, que tentam impor regras em uma monocultura rígida que estaria prestes a ser questionada.

O autor usa a dinâmica tribal do mundo árabe para explicar em grande parte as práticas de corrupção. Num caráter de denúncia, ele desenha um quadro onde todos os níveis da sociedade árabe são postos à prova. Uma característica forte dessa obra é o uso de imagens cotidianas dos cidadãos para ilustrar seus costumes e práticas. Para ele, a população não só tem ampla consciência dos malefícios da corrupção, como está cansada dos abusos que vêm com ela. Entretanto, segundo ele, esse costume é perpetuado por estes próprios indivíduos. Na teoria condenam, mas na prática, usam em benefício próprio.

Um capítulo inteiro do livro é dedicado a *Wasta*, chamada pelo autor de Vitamina W, que segundo ele é a verdadeira força por trás do Oriente Médio. É um sistema de conexões, muito influenciado pela dinâmica familiar e tribal, onde tudo se consegue através dos contatos e da troca de favores entre indivíduos ou grupos. Para ele, esse sistema sobrevive na ineficiência e fracasso do estado e suas instituições. É na *Wasta* que muitos vão encontrar o único veículo para resolução de seus problemas, seja para escapar das arbitrariedades do Estado ou para obter benefícios próprios a custa dos demais grupos da população.

Em muitos países do Oriente Médio, as liberdades de expressão e de associação não são vistas como liberdades fundamentais, mas como favores e bônus concedidos pelo Estado. A maior parte dos regimes impõe cotas e uma série de restrições burocráticas para o livre exercício de publicações, ONGs e associações. Essa forte supressão da sociedade civil se dá em grande parte como estratégia de sobrevivência do regime e como consequência da promíscua relação entre as elites e o poder público. Já que limitar a sociedade civil gera graves violações de leis internacionais, os regimes árabes usam da burocracia como principal arma para a contenção desses movimentos.

A internet criou um novo paradigma nessa dinâmica. Em um ambiente livre, onde todos podem discutir sobre qualquer tema, se inicia um novo modelo de associação e de denúncias contra os abusos dos regimes. Os governos começam a enfrentar uma crise ao tentarem usar métodos antigos de controle a uma nova realidade.

O autor denuncia que o maior vilão no mundo árabe hoje não são os regimes autocráticos, mas sua própria população. Pior que os abusos à liberdade promovidos pelos governos, são os abusos que os próprios cidadãos se impõem. “A discriminação baseada em raça, religião, etnia, gênero, sexualidade, tribo, família ou local de origem é certamente difundida e profundamente enraizada. Árabes apontam corretamente que a discriminação não é de fenômeno único de seus países, mas o verdadeiro problema é a falta de esforço para controlá-la. As práticas discriminatórias são tão comuns e assumem tantas formas que tendem a ser aceitas como a norma e se tornaram, em certa medida, institucionalizadas” (Whitaker, 2009). E, apesar das cláusulas de igualdade nas constituições, no Islã e no imaginário de todos, a realidade na prática é muito diferente, pois às etnias, aos grupos religiosos e às mulheres ainda são negados direitos fundamentais.

A discriminação ocorre em sentido positivo e negativo: enquanto alguns sofrem preconceito, outros recebem tratamento preferencial, seja por questões de raça, religião, gênero ou pela dinâmica tribal. Logo, a sensação inerente à cultura árabe de que todos devem ajudar àqueles que possuem afinidades ou aos que devem favores, entra em conflito com os princípios de igualdade. Práticas como a indicação da religião nas carteiras de identidade egípcias ou os assentamentos árabes no nordeste da síria a fim de conter uma maioria de cidadãos sírios curdos, são exemplos de que os princípios de igualdade não passam da retórica.

Por fim, o autor traz para reflexão o histórico do mundo árabe em se isentar dos problemas que lhe assola. Para o autor, tudo o que foi mencionado no livro é um sumário de como esta sociedade se relaciona internamente. O livro se isenta das influências externas sobre os problemas da região numa tentativa de ilustrar sem interferências a responsabilidade que os atores internos têm no que tange a seus próprios problemas. O Oriente Médio se acostumou a sempre se colocar no papel de vítima, culpando elementos externos pela ineficiência de suas sociedades. Este pensamento “internalista” encontra paralelos nas obras de autores como David Pryce-Jones, mas é única ao destacar que o Islã é apenas mais uma característica e um meio desta sociedade, e que não necessariamente implica em atraso no seu desenvolvimento.

A hipocrisia é um elemento de difícil digestão. Críticas a Abu Ghraib, Guantánamo e outras violações de direitos humanos pelo ocidente não podem significar uma negligência às atrocidades cometidas nas prisões egípcias ou nas guerras civis em outras partes do Oriente Médio.

A palavra-chave na obra seria 'Déficit de Liberdade' árabe. Como o autor desenha, capítulo por capítulo, este déficit se manifesta de diferentes maneiras e em muitos lugares: em casa, nas escolas, em universidades e na política. Os problemas de patriarcado, autocracia, intolerância, discriminação, corrupção e supressão da liberdade de expressão estão todos ligados a um só problema: a negação de direitos igualitários. Para o autor, o primeiro passo para uma mudança positiva é que todos reconheçam que direitos são fundamentais, não privilégios, e que devem ser iguais a todos.

Ao questionar o que está realmente errado com o Oriente Médio, Brian Whitaker arrisca retratar os problemas do mundo árabe através dos costumes que marcam a rede de relações internas da região. Valioso documento para aqueles que buscam entender a dinâmica e estrutura da sociedade árabe e os desafios que enfrentam os recentes movimentos sociais.